

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — *Typographia de Paula Brito* — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 5000rs. por seis mezes para a côrte, e 0,000 rs. para fóra, pagos adiantados. Ns. avulsos, 120 rs.

A MARMOTA.

OS PREMIOS DA MARMOTA.

Apezar da pontualidade com que tem sido extrahidas as nossas cautelas de premios de com e de duzentos mil rs. annexas ás loterias designadas n'ellas, *sem que uma só vez faltassem ao prometido*; não tem esse incentivo correspondido á nossa expectativa, isto é, não nos tem dado as vantagens que devíamos d'elle esperar, em attenção ao risco que corremos, por cujo motivo damos por naufragada mais esta especulação.

Pode ser que de alguma cousa nos lembremos, tanto em proveito nosso, como no dos nossos assignantes; mas em quanto disso não lançamos mão, as assignaturas da *Marmota* continuam a ser feitas sem premio.

O Sete de Setembro.

Membro da — Sociedade Petalógica — não podemos deixar de applaudir e de transcrever nas columnas da *Marmota* o que abaixo se segue, e que extrahimos da pagina 333 do n. 17 da *Revista Popular*, de que é editor-proprietario o Sr. Garnier, livreiro, rua do Ouvidor n. 69.

POLHEM.

O FILHO DO PESCADOR

Romance Brasileiro

ORIGINAL

POR

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA
E SOUSA.

(Principiou no n. 1065. Continuação do n. 1090.)

CAPITULO XX.

UM EPILOGO E REFLEXÕES.

Quando nos remontamos ás causas, os acontecimentos augmentam ou diminuem muito a respeito do que são em si proprias. Voltemos a um passado: ahí procuremos origens; si as encontrarmos, consultemos os erros, estudemos os crimes; e eu vos affianço que, feito um tal exame, seremos justos.

Acabamos de uma scena de lagrymas! Nossas sensações foram terrivelmente abala-

A *Sociedade Petalógica* abriu este anno o exemplo de commemorar o anniversario da Independencia. Dispondo de fracas recursos, dirijio-se primeiramente aos seus amigos para a ajudarem no empenho de illuminar a praça da constituição; mais tarde procurou os amigos d'estes, e por ultimo resolveu-se a invocar o patriotismo de todos os Brasileiros. Desde o modesto operario até a primeira autoridade do Imperio, todos tem concorrido e concorrerão para o monumento do Rocío. SS. MM. accedêram benignamente, como sempre, ao pedido da Sociedade, e inscreveram-se no numero dos contribuintes.

A *Petalógica* praticou um acto irreprehensivel, muito louvavel e imerecedor de qualquer censura. Não é esta a primeira vez que a Sociedade, hoje legalmente constituida, demonstra quanto prestimo tem, e que ao seu reclamo acodem todos aquelles que conhecem a maioria dos socios.

Creada com o fim de prestar-se á palestra de pessoas mui bem conceituadas, a *Petalógica* foi a pouco e pouco inutilizando o seu titulo, e dando lugar a apparecer outro digno das primeiras sociedades: este titulo revela-se nos actos de philantropia e humanidade por ella praticados, já em beneficio do nacional, já em favor do estrangeiro desvalido.

Não se diga que houve demasiada precipitação da Sociedade na iniciativa e no expediente tomados para os festejos do dia 7; em toda a parte, por muito elevado que seja

das á vista de um espectáculo de luctuosos sentimentos! Nossa alma está fatigada por tantas impressões dolorosas! Nossos corações foram despeçados nessa lucta sentimental da natureza, da humanidade e da religião! No meio de uma chusma de diversas affecções nossa imaginação vagou incerta, declinando equivooca entre a piedade e a vingança! Nós provámos affectos horrivelmente dolorosos, e não sem traços de algum jubilo! Agora a justiça não está sem alguma satisfação. A natureza exulta, a humanidade folga, e a religião está contente! Justo é que descansemos de tantas fadigas moraes.

Vós me-pedis duas explicações, convem saber: porque via o doctor Synval soube a historia que lhe-ouvimos: e como sabia Augusto a historia de Laura durante o celibato della?

Tão razoaveis são as vossas questões, que eu vou satisfazel-as n'um epilogo e reflexões.

Sergio, que já conhecemos, foi o primeiro amante de Laura, e pae de Emiliano. Este manchebo dissoluto, tres annos depois que roubara Laura á sua mãe, e dous annos depois que lhe ella dera um filho, a-desprezou sem que, para tal, razão alguma tivesse. Lau-

o grão de patriotismo da população, é mister que alguém se incumba de organizar e dirijir os trabalhos, para não se dar o caso de conflictos e irregularidades, que sempre motivam desgostos quando só deve reinar a alegria.

No meu modo de entender, a *Petalógica* procedeu muito em regra, não só porque seus numerosos socios gozam de geral sympathia, e por esse facto tinham certeza de ser attendidos, mas tambem porque os dinheiros nas suas mãos depositados serão indubitavelmente empregados no objecto que a Sociedade propoz-se levar a effeito. As folhas diarias, dando noticia da audiencia, que o Imperador concedeu á commissão da *Petalógica*, e fazendo menção do donativo imperial, induzem-me a crer e a assegurar-vos que não estou em erro.

ALVINA

ou

O EXISTIR DE UMA ROSA

(Continuação do n. 1090.
Conclusão.)

A donzella beijou a mão do manchebo, sobre ella derramando ardentes lagrymas.

—E tu, Gabriel, és o meu anjo, dormindo ou acordada. Respondeu-lhe ella fitando-lhe os olhos.

ra, á mercê de um novo amante, teve de sujar-se ao seu destino: foi com este homem que ella viveu uns treze annos pouco mais ou menos. Ao cabo desse tempo, mudou-se para o Rio de Janeiro com seu amante: foi com este que ella naufragou, e que, morto nesse naufragio, ella pranteava, chamando-o seu marido. Cumpre notar que Synval sabia, até alguns annos atraz, que este homem não tinha desposado Laura, como veremos; e quando Augusto dice á sua mulher que ella não era esposa desse homem morto no naufragio, elle o não podia assegurar; não era, pois, mais que uma bem fundada suspeita; mas Laura a-confirmou.

Quando Sergio abandonou Laura, tirou-lhe seu filho, que então tinha dous annos, e Laura nunca mais viu essa criança; tendo apenas noticias de que vivia, cuidado que ella sempre tinha de perguntar por elle.

Estas mesmas noticias cessaram quatro annos depois da ingratitude de Sergio, porque este vindo á cidade com seu filho, então de seis annos, o-deixou na casa de Synval, de quem era intimo amigo. Foi a esta medico que Sergio contou; não só toda a sua historia com Laura, como tambem toda a histo-

—Mas, Alvina... eu morro! exclamou de repente o joven suspirando.

—Oh! não, não morrerás; e já roguei a Santa Virgem por ti! tu viverás.

Margarida, que abandonara o quarto por momentos, voltou logo.

Os gallos cantaram segunda vez.

A noite estava silenciosa, e a lua espalhava mortos e limpidos raios sobre a terra.

Gabriel estava moribundo, nada o poderia salvar. Ia morrendo pouco a pouco.

A donzella chorava, e as suas sentidas orações eram entrecortadas por soluços.

Gabriel, notando, deixou pairar nos labios um innocente sorriso de gratidão. Queria fallar, mas faltava-lhe a voz, porque já era quasi morto. Fez ultimo e grande esforço, e balbuciou:—Alvina, nossa morada é... lá... onde... está Deus... vem...

Pela terceira vez cantaram os gallos.

A noite, até então quieta, começou a ser perturbada pela fresca aragem da madrugada. E pela manhã, quando o sol desceu á terra, um dos seus raios, entrando no quarto pela janella, cahio sobre o cadaver do caçador.

VIII

Vedes aquelle cortejo que silencioso e solenne caminha? Vedes aquelle corpo que carregam, sobre um esquivo forrado de relvas?

Aquelle é um cortejo funebre, aquelle o corpo exanime de Gabriel. Vedes agora este velho, de cujos olhos saltam abundantes lagrimas, que vai sustentando a cabeça do cadaver? pois esse velho é seu pai.

O velho soube da desgraça de seu filho, porém quando chegou já era tarde.

Era quasi noite quando isto se passava.

Atraz do esquivo ia um cão de Gabriel, que vivava de quando em quando. O funebre préstito chega á margem do lago, emborça-se em algumas canoas que ahí o esperam. Depois de pequena demora, as canoas despregam-se da praia e sulcam as aguas. O cão vendo-se esquecido por todos lança-se n'agua, e, nadando, vai parallelamente acompanhando o canoa, que levava o cadaver de seu senhor.

ria della. Foi tambem nessa occasião que Synval foi o padrinho no chrisma de Emiliano, cujo primeiro nome, por estranho no calendario dos santos, lhe-foi mudado.

Por este mesmo tempo fez Sergio uma viagem a Minas-Geraes, donde nunca mais voltou; e não apparecendo em parte alguma, foi reputado como uma das victimas da Mantiqueira de tão dolorosa recordação!

Emiliano ficou então orfão de pae, porque este havia morrido; de mãe, porque nem elle conhecia a Laura, nem ella a Emiliano. E, pois, dos nossos personagens só Synval era quem sabia o nome da mãe de seu afilhado e toda a sua historia, bem que não a conhecia pessoalmente.

Emiliano, depois que soube ler, passou a outros estudos, onde mostrou um rarissimo talento: Synval amava-o como a seu filho.

Na idade de treze para quatorze annos começou Emiliano a soffrir muito em sua saude, a ponto que a tenaz molestia mostrando-se rebelde a todo o imperio da medicina, Synval resolveu mandal-o á Europa para casa de seus parentes a-ver si melhorava, como de facto aconteceu. Emiliano esteve em Lisboa dous annos e alguns mezes, depois do que

A' porta da casinha lutam Margarida e Alvina.

Aquelle forceja para leva-la para dentro e esta para desprender-se dos braços da velha; a desesperação em que se acha Alvina, ajuda-a e consegue enfim desligar-se dos braços de Margarida.

A donzella corre na direcção do lago por onde as canoas ha muito já se foram. Tambem corria a velha; mas, coitada! caçadas as suas pernas, não era possivel correr como uma menina de quinze annos.

Alvina, chegando á prata, só distingue no alto lago as canoas que iam fugindo. A donzella apertou a cabeça convulsivamente, com ambas as mãos, passou-as pelos olhos, como para arrancar-lhes uma nuvem de fogo, e subindo á uma rocha, exclamou:

—Adeus, Gabriel, adeus! Não, a ti não quero sobreviver, e de perto te acompanharei....

Quando Margarida vio a donzella sobre a rocha, e que parecia medir a altura do precipicio, estava-lhe quasi junto: quando porém ia lançando apressadamente a mão aos vestidos da joven, estes fugiram-lhe dos dedos, porque a desgraçada menina avançou um passo, e nesse passo avançara em demasia, sem olhar o precipicio que lhe ficava em frente. O corpo cambaleou, e os negros vestidos esvoaçaram-se!...

Margarida deu agudo grito.

O echo desse grito foi a queda d'um corpo sobre as aguas, cujo som surdo retumbou pelos concavos dos rochedos!

IX

Seriam dez horas da noite. Alvina ocha-se no seu leito. Quando cahira nas aguas, ao grito de Margarida, acudira um pescador que nesse momento ia abicando a sua canoa em terra. Mergulhou varias vezes, mas todas em vão. Fictando então a vista para um escuro canto d'um rochedo, onde a agua remoinhava, conseguiu distinguir alguma cousa na superficie. Para lá chegou-se, e pouco depois, nadando com uma mão, com a outra trazia um corpo!

O pescador arfava, e mais cinco minutos

voltou ao Rio de Janeiro, na idade de seus dezessete annos. Foi então que elle viu Laura pela primeira vez, tendo ella os seus trinta e um annos, mas tão formosa e gentil, como nos seus dezito!

Ora, foi durante a ausencia de Emiliano que Laura naufragou, como vimos, e que Augusto desposou-a estando Synval fóra da cidade, em uma viagem que fez por motivos de saude, em que se-demorou quatro para cinco mezes: tendo voltado para a cidade, achou Augusto casado; e tendo visto Laura, combinando quanto Sergio della lhe-contára, junto ao nome de Maria Laura, veio no perfeito conhecimento de que era ella a mãe de Emiliano. Notemos de passagem que Laura fugia sempre a conversações que tendessem ao seu paiz natal, e que podessem implicar-se com sua vida passada; e conquanto dicesse a Augusto, quando este lhe-perguntou por seu nome, que se-chamava Maria Laura, todavia acrescentou que mais acudia pelo nome de Laura, seu sobrenome, por antigo costume, em que a haviam posto todos os que a-conheciam, o que era verdade.

Esta ingenuidade de Laura era uma carta de recommendação, que a-faria conhecida

de demora estaria morto. Depositou n'arêa o corpo desfallecido da joven.

Serena corria a noite, e a lampada celeste illuminava, ás dez horas, o grande theatro mundano. Assoprava um vento brando, mas frio bastante. O silencio só interrompido era pelos sentidos soluços da caridosa Margarida, que conseguiu a final fazer com que Alvina tornasse a si.

—Como te sehas, minha filha?

—Boa, muito boa, minha mãe! assim, estondei-me os vossos braços, levai-me para vós. Ah! é Gabriel... o meu anjo! Vem, eu te esperava já! Ornai-me a fronte com essa corda de brancas e frescas rosas; e espalha pelo caminho essas saudades. Como estás bello! Gabriel, quanto te amo!... E um sorriso pairava-lhe nos labios.

—Pobre infeliz! dizia a velha entre lagrimas.

A rola, amiga da desventurada, pousada á cabeceira gemia.

Diriois que chorava o destino da joven.

Alvina fez um esforço para ergue-se, não poudo, e a sua martyrisada cabeça recaiha sobre o travesseiro. Olhou para sua madrinha, quiz fallar, não poudo, e só com os olhos e mão, disse adeus á sua segunda mãe.

Margarida ergueu-se, beijou a fronte daquelle anjo, unindo ás faces deste as suas calidas pelas lagrimas; recebeu nos seus labios o ultimo suspiro daquelle bella creatura. Alvina voara para o céu, e depois de morta ainda sorria.

X

Penetra o sol com desmaiados raios pelos campos e bosques. Um ventosinho empolava a superficie do lago, fazendo bater á praia leves ondas, que se desfaziem em branca espuma, indo outras quebrar-se nos rochedos. Uma canoa, coberta de branco, corta com lentidão as aguas, e seguida á ella por mais outras, conduzindo varios camponezes. A de diante leva um corpo, e corpo d'uma virgem exanime.

Os corações dos pobres camponezes estavam tocados d'um sentimento de ternura, por essas duas mortes, quasi, repentinas. Hon-

um pouco mais tarde: ella tinha, é verdade, sua malicia quando se-aproveitava de seu sobrenome, em detrimento do nome, mas não sabia ser maliciosa, por isso que dava aquelle mesmo pelo qual ora de todos conhecida: melhor andaria si dicesse a Augusto que se-chamava Maria; e mudasse o sobrenome; mas a infeliz não queria mais que encobrir os erros de sua passada vida; não estava ainda ao todo corrompida, enfim carecia de um seductor mais habil.

Dest'arte quando Synval perguntou a Augusto pelo nome de sua mulher, este, não só lh'o dice, como fez-lhe a mesmissima explicação, que Laura lhe-fizera. Já se-vê, que mais não era mister ao doctor para conhecer a mãe de seu afilhado.

Synval, de posse destes segredos, guardou-os religiosamente; porque para com Emiliano a prudencia lhe-mandava calar-se; para com Augusto a honra, e para com o mundo, uma e outra.

Foi depois da supposta morte de Augusto que seu amigo se-abriu com elle sobre estas cousas: eis como Augusto soube da vida de Laura, durante o seu celibato. Augusto foi quem revelou ao doctor quanto este declarou,

tom, um joven, bom e amavel: hoje, ella tão joven, tão bella!

A cunha proou, e Margarida, envolta na sua capa preta, ajuda a desembarcar o cadaver de Alvina.

D'ahi formou-se uma procissão, em cujo centro ia a virgem carregada por quatro camponeses.

Todos iam cabis-baixos e melancolicos, guardando geral silencio, só perturbado por momentos pelos soluços da velha. E assim chegaram ao cemiterio. Se a visseis dirieis ser uma estatua, maravilhosamente acabada, de branco marmore, Morta, pendia dos seus pequenos labios um sorriso natural.

Qual foi a sua existencia?

A de uma flor.

Nasceu, e desabrochou. Viveu em quanto para ella lhe foi benigno o zephyro. As suas petalas eram viçosas, a sua côr bella, encantadora; derramando em retribuição, nas leves azas da brisa, o voluptuoso halsamo de sua existencia.

Veio porem um tufão, tudo desrespeitou e atrevido apodera-se della. A sua haste fraquea e quebra e tudo se acaba.

Se por esse tempo lá andasseis, verieis n'um cemiterio uma cruz média, ornada de velhas e novas — saudades — marcando uma sepultura; e ao pé desta, duas novas em distancias regulares e paralelas. A terra destas ultimas estava revolvida de fresco. Todas ellas tinham o seu symbolo. N'uma verieis sempre deitado um cão, ainda leal a seu senhor, depois de morto; e n'outra, pousada sobre uma pedra, uma rola, que soltava gemidos.

Todas as tardes a velha e boa Margarida ia visitar o cemiterio, e lá fazia as suas orações.

Era uma especie de romaria!

Fim.

Herculano Marinho.

lançando em rosto á Laura todos os seus crimes, como o mesmo Augusto os-vira e ou-vira. Bem se-vê a combinação entre os dous!

Tres dias ao depois desta ultima scena de dôr, que vos-descrevi, uma pequena questão teve logar entre Emiliano, e seu padrinho: ella não é todavia necessaria á nossa historia, mas eu vol-ao apresento, porque pôde servir como um fundo de moral della.

Emiliano tinha em Lisboa (porque apenas alli chegou se-restabeleceu) continuado a frequentar os estudos e com grande aproveitamento. Além de sua rara habilidade, elle era dotado de mui bons sentimentos, muito religioso, e cheio desta moral sublime, bello typo de todas as grandes virtudes! Synval gostava de ouvi-lo, ou como dizemos vulgarmente, de *puchar por elle*.

Jantava Augusto com seu amigo doctor e com Emiliano: aconteceu a conversação recalar sobre o sincero arrependimento de Laura, quando Synval dice:

— Em verdade, eu creio nelle: approvo mesmo os sentimentos de Augusto; andou bem assim; mas confessemos que Laura era assás criminosa. O meu afilhado perdoar-me-ha esta franqueza.

O CANARIO

(AS MATAS NA ESPHERA SOCIAL.)

O canario é um passaro que nos carrega nas azas do seu canto melodioso e nos leva ao espirito a mais sublime admiração.

Entre as moças é a que sentada ao piano ensaia e executa o *spartito* de uma opera moderna, que dando força á sua voz percorre a escala musical e que depois a faz expirar imitando o gorgear desse passaro.

E' sem duvida alguma o canario o passaro mais apreciado na escola romantica, classica platonica, ou no mundo material e imaterial.

No passeio campestre, tem tanta belleza em si, que dia e noite quizeramos estar a seu lado no maior contacto.

No jardim é mais ligeiro, corre sobre uma flor e dá-lhe um beijo, arranca outra e desfolha, e a final esconde vergonhosa a que mais preza.

No salão canta umas vezes a sua canção favorita cheia de amor e ternura; outras vezes devaneia e interrompe os melhores motivos de seu canto, para nos contar um logro. São estes canarios mais perigosos!

Em quanto a mim, a gavela do usurario foi a gaiola de muitos canarios; não dos canarios, que cantam em salões, e menos ainda d'aquelles que nos impingem por legitimos do *Athena*, porem sim um lindo papel da côr das azas do canario e que tinha o valor de vinte mil réis.

Ora, as leitoras e leitores, que ouvirem esta classificação, nao deixarão de concordar comigo, que esta ultima é a melhor o portanto, os canarios de papel foram os melhores que appareceram em nossa terra!

R. Luz.

DESAPONTAMENTOS.

Estardeis em um salão e ao notardes a fealdade ou o ridiculo de uma senhora, responder-vos o vosso interlocutor que ella é sua parenta.

Emiliano estremeceu ouvido estas palavras, e um ardente rubor, apoz de uma fria pallidez, deu mais encantos ao seu rosto, e elle dice:

— E' verdade, meu padrinho: mas nós, os homens, somos tão máos, que dando motivos a quasi todos os crimes das mulheres, não só nos não encarregamos de parte de sua expiação, mas tambem não tomamos sobre nós um tanto ou quanto de sua culpabilidade! Deixando de parte as idéas favoraveis aos maridos e aos amantes, a respeito de constancia, e tão desfavoraveis ás mulheres de quem tudo exigimos, e a quem nada concedemos (excepto as zumbaias, os comprimentos, as polidezas e elogios de uma sala, como por escarneo), fallarei tão sómente de outras cousas.

Nós temos organizado uma sociedade a nosso bello-prazer, e acerca das mulheres nos-constituimos a um só tempo partes e testemunhas, juizes e accusadores!

Quantos homens, meu pae, encontraremos como vós, e como meu padrinho? certo que mui poucos. Em o numero de cem mulheres nós encontramos apenas dez, cujo despejo, cuja falta de sentimentos as-fez solicitadoras

Saltardes uma balaustrada, para mostrardes a vossa agilidade a um grupo de senhoras, que vos tem em boa conta, e ao fazel-o, cabirdes de ventas no chão, excitando a hilaridade de todos.

Ao passares por um homem, que se encosta como cego pelas portas, dares-lhe uma moeda de cobre, e voltar-se elle para te entregar o dinheiro, e dizer-te que não pede esmolmas.

Estardeis em uma mesa, entre duas namoradas, e serdes obrigado a servir-as de modo que não percebam o embarço da vossa posição.

Passar por uma rua, em tempo chuvoso, encontrar uma Senhora do seu conhecimento e na occasião de cumprimental-a, pisar n'uma pedra em falso e salpicar-lhe lama no vesti do.

Ouvirdes a mulher, que amais, balbuciar, sonhando, o nome de um primo ou de pessoa que já vos é suspeita.

Estar em uma mesa e introduzir o charuto no copo de champagne, julgando que molhais o biscoito.

Estar-se a fallar mal de um sugeito e, ao voltar-se a gente, achar, em pé, o individuo que ouvira tudo quanto d'elle se dissera.

O canto da cigarra.

Quanto soffre no silencio
O meu triste coração,
A ouvir o cantar doce
Da cigarra no sertão.

Que prazeres, que doçuras
Eu sinto, quanta illusão!...
A ouvir o cantar doce
Da cigarra no sertão.

de alguns homens; em quanto que em o numero de cem homens não deparamos com dez que não tenham solicitado, que não tenham seduzido alguma mulher! E esses seductores ignorariam que tal senhora era uma donzella amada de seus paes? que esta era uma esposa prezada de seu marido? que aquella era uma querida amante, por cujo procedimento era responsável a seu amado? Elles não ignoravam. Entretanto a ambição natural cede á habil seducção; o amor proprio á lisonja, e a fraqueza ao crime! Desde então esta mulher cahida é olhada com desprezo; seu nome é acompanhado de um epitheto de infamia; sua presença revela uma idéa de menos preço... justo castigo de sua fraqueza, é bem verdade! E porque não soffre outro tanto o seu vil seductor? A não contrarmos bem poucos homens austeramente honrados, elle é de todos bem tratado, bem acolhido; apparece em toda parte sem repugnancia de pessoa alguma; alardea as suas bellas qualidades de seductor, contando as suas felicidades, e é olhado como um bello espirito, como um cavalheiro galante, um moço empreendedor, cmfim!

(Continua.)

Quanto minh'alma se enleva
Na mais alta agitação
A ouvir a voz meliflua
Da cigarra no sertão.

Que bellas, ricas idéas
Sinto no meu coração
A ouvir preludios bellos
Da cigarra no sertão.

Quanta saudade pungente
Me fore a imaginação,
A ouvir o canto ao longe
Da cigarra no sertão.

Sinto em todo inexplicavel
Que me deixa inconsolavel
Nesta mesma solidão;
Sinto saudades intensas
Da Deusa das minhas crenças,
Som gozar consolação!

Itaguahy.

Laurenio.

Lyrío Murcho.

Flor batida pelos ventos,
Quem a pôde querer bem?
Suas cores se fugiram,
Se perfumes ja não tem.

Foi gentil, e muito, outr'ora;
Flor senija n'um jardim:
Hoje murcha e desbotada!
Causa pena o vel-a assim!

Coitadinha!—no meu peito
Despontou sobre um volcão:
Viu-se só... ninguém a amava...
Foi morrer na solidão!

Minha flor!... era tão bella...
Desfolhou-se ao vendaval;
Suas folhas foram longe
Se crestar n'um areal.

Flor batida pelos ventos,
Quem a pôde querer bem?
Suas cores se fugiram,
Se perfumes ja não tem.

Tão mimosa, e sem espinhos
Não fazia mal nenhum;
Mas despezos só lhe deram;
Não achou sorriso algum!

Foi entregue ao abandono,
Não voltou-me ao coração:
Ai de mim! nem despezada
M'a quizeram dar... ai!—não!

Minha flor era tão bella!...
Desfolhou-se ao vendaval:
Não valeu-lhe o ser formosa
P'ra não ser tratada mal.

Não valeu-lhe... ella era minha...
Foi votada ao desamor...
Se viveu só foi um dia!
—Durou tanto o seu albor!...

L. M. G. de Lacerda.

Charada.

Concentrada no descanso... 1
Existe em commodidade... 1
A terça parte da hespanha
Pertencente á Magestade... 1

CONCEITO.

Liada joven por quem nutro
Amor fiel e constante,
Por quem suspiro saudoso,
Vivendo della distante.

José Belmiro.

SONETO-CHARADA

Si acaso vejo um circulo de gente,
Vom-me á lembrança a minha natureza
Da galga e corredora (e a ligeireza
Não é disso apezar dom que me ausente) 1

Pareço-me tambem co'a turba ingente
Da alados animaes da redondeza;
Porem do ferro dizem que á dureza
Venço sem possuir siquer um dentel... 2

Mas de que servem dotos a abrondar-te,
Para que apagues as ardentes fragoas
Em que arde aquella que nasceu p'ra amar-te?

Vai-te, cruel! cá fiquem minhas magoas,
Que pois arfando não posso alcançar-te
Consolo e morte encontrarei nas agoas.

—A decifração da charada do n. antecede-
dente é *Morte*.

Anecdota politica.

Quando Pericles tinha de fallar no Ágo-
ra de Athenas, desde que sahia de casa até
subir á tribuna, ia dizendo:—Lembra-te,
Pericles, que vais fallar diante de homens
livres e de Athenienses. Pericles dominou
absolutamente Athenas, e foi o primeiro dos
oradores politicos.

AS

PRIMAVERAS

PELO SR.

CASIMIRO DE ABREU.

Acha-se publicado este interessante volu-
me das bellas poesias do Sr.—Casimiro de
Abreu—ja conhecido do publico e particu-
larmente dos nossos leitores, pelos lindissimos
versos a que temos por vezes dado lugar na
nossa folha. É uma brochura de mais de
300 paginas, em papel da Hollanda, nitida
edição, ao gosto moderno. Preço 4\$000 rs.

O ESPELHO.

REVISTA SEMANAL DE MODAS,
LITTERATURA E ARTES.

O n.º 2 contem, em prosa, e verso, o
seguinte: Aquarellas—os lanqueiros littera-
rios—amor do mãe (romance)—amor e mor-
te (lenda)—as cabelleiras—revista dos thea-
tros—o pranto da innocencia—o retrato de
Corina—chronica elegante—noticias á mão
—chronica da semana.

Acompanha este n. um figurino.
Subscreve-se na praça da constituição
n.º 64, a saber:

Por tres mezes, 3\$000 rs.
Por seis mezes 6\$000 rs.
Por um anno 10\$000 rs.

O ESPELHO.

No 1.º n. desta—Revista semanal de
modas, litteratura, industria e artes—que
foi publicada no dia 4 do corrente, glorioso
anniversario do feliz consorcio de SS. MM.
II., revista de que é director a redactor
em chefe, o Sr. Francisco Eleutorio de
Sousa, moço mui dado ás letras e nellas
já muito habilitado, entre os bellos artigos,
de que se acham cheias as sues 24 colum-
nas, appareceu a traducção que fizemos de
uma fabula de Lachambeaudie.

Não subemos se o publico tem perfeito
conhecimento deste fabulista moderno que,
depois do fabulista dos Alpes, ou tanto
como elle, mereço em França o acolhimen-
to publico.

Pierro Lachambeaudie compoz uma linda
fabula—A flor e a Nuvem—o a dedicou a
Beranger, que, grato a esta prova de con-
sideração escreveu ao seu amigo uma linda
carta com que elle ornou a primeira pagi-
na do seu livro, edição de Paris, 1855.

Depois de publicada no *Espejo* a nossa
traducção, entenderam alguns amigos, em
quem muito confiamos, que ella ficaria
supportavel com as pequenas modificações
com que hoje a reproduzimos nesta nossa
folha.

O trabalho de que nos sobrecarrega o
nosso estabelecimento, onde, para poupar-
mos ordenados, fazemos o que não fariam
a nosso contento tres ou mais empregados,
priva-nos de empregarmos o tempo em tra-
duções desta ordem, visto que ellas agra-
dam, segundo a opinião de desinteressados
amigos.

A FLOR E A NUVEM.

FABULA DE LACHAMBEAUDIE.

Reina o estio.—No valle
Languida flor emmurchece,
E chama, para animal-a.
Uma nuvem, que apparece.

« Tu que do Aquilão nas asas
Vais pelo espaço a correr,
Vê que de calor me abraso,
Vem, não me deixes morrer.

« Com essas aguas, que levas,
A minha dôr refrigera.»
—« Tenho missão mais sagrada,
Agora não posso—espera.»

Disse e foi-se!.. Enfraquecida
Cabe sem tino a flor tão bella!..
Volta a nuvem e derrama
Quanta agua tinha sobre ella.

Era tarde!..

Quasi sempre
Quando um desditoso chora,
Rara vez no mundo encontra
Remedio ao mal que o devora;

Mas quando succumbe ao peso
Da desgraça que o persegue,
Mudam-se as scenas—louvores
Então não há quem lhe negue!

Mas que vale esse apparato
Da verdade ou da impostura?
Nem lyrios, nem goivos tiram
Os mortos da sepultura!

PAULA BRITO.

Typographia de Paula Brito
64 — Praça da Constituição — 64